

ANÁLISE DO DISCURSO DAS CRÔNICAS DE CARLOS HEITOR CONY SOBRE A CRISE POLÍTICA DE 2016

Ana Paula Lopes da Silva
Mestranda em Linguística – Estudos Discursivos
Programa de Pós-graduação em Letras
Universidade Federal de Viçosa (UFV)
analopesufv@gmail.com

RESUMO

A crônica é o gênero jornalístico que mais oferece liberdade ao autor, tanto de estilo como de expressão. Por sua curta extensão textual e forte presença autoral, se torna um excelente objeto de pesquisa para a análise semântica do discurso que busca investigar como o autor estabelece a relação entre as sequências de sentenças do discurso, seu significado em uma coerência local e global. Neste artigo, investigamos como ocorre a coerência local nas crônicas de Carlos Heitor Cony, assim como a coerência global com o contexto social da crise política de 2016.

Palavras-chave: crônica, Carlos Heitor Cony, crise política, análise semântica do discurso.

ABSTRACT

Chronic is a journalistic genre that gives the author more freedom to produce his texts, whether in terms of style or expressiveness. For its short textual extension and expressive authorial presence, it makes an excellent research subject for discourse semantic analysis, that investigates how the author establishes the relationship between the sequences of speech sentences, their meaning in a local and global consistency. In this article, we investigate how this relationship is established at the level of local coherence in the chronicles of Carlos Heitor Cony, as well as the overall consistency with the social context of the 2016 political crisis.

Keywords: chronic, Carlos Heitor Cony, political crisis, semantics discourse analysis.

INTRODUÇÃO

A crônica opinativa, como gênero jornalístico da mídia impressa, pode ser uma ferramenta crucial para a formação reflexiva de uma história do presente. Isso se deve ao fato de ser publicada nos jornais com o intuito de debater os assuntos em destaque na mídia. Além disso, este formato permite a presença de elementos literários como a narração ficcional e a descrição poética, o que acarreta em um texto autoral.

Ao analisar uma crônica, é possível estudar os traços de estilo do cronista, suas opiniões e posicionamentos diante dos fatos noticiados. O estudo de um *corpus* composto por várias crônicas relacionadas a um mesmo acontecimento possibilita reunir os fragmentos em uma narrativa maior, criando uma visão panorâmica do contexto ou momento histórico estudado.

Desde 2012, o governo brasileiro passa por uma crise política a qual desencadeou uma série de denúncias de corrupção por parte de seus representantes, além de manifestações que dividiram a opinião pública a favor ou contra o *impeachment* de Dilma Rousseff, no primeiro semestre de 2016. Conhecendo o histórico jornalístico e literário de Carlos Heitor Cony e a constante presença de temas políticos em suas crônicas, justifica-se verificar como o autor abordou a crise política em seus textos publicados no jornal *Folha de S. Paulo* em janeiro e fevereiro de 2016.

Este artigo objetiva realizar uma análise semântica do discurso, por meio da teoria proposta por van Dijk, nas crônicas de Carlos Heitor Cony sobre a crise política de 2016, a fim de verificar seu posicionamento diante da atual situação do governo e sociedade brasileira.

Num primeiro momento, far-se-á uma reflexão a respeito do gênero literário crônica, sua história, relação entre Literatura e Jornalismo, além de sua importância para a formação da opinião pública. Em seguida, tem-se uma apresentação do autor e sua obra. Após a reflexão teórica, expõem-se os métodos e técnicas utilizados na análise das crônicas. Por fim, apresenta-se a discussão dos resultados.

1. A CRÔNICA

A crônica é considerada um gênero híbrido por mesclar elementos do Jornalismo e da Literatura. Classificá-la nem sempre é tarefa fácil, pois é possível encontrar autores que defendem seu pertencimento tanto à Literatura, quanto ao Jornalismo. Há ainda um terceiro grupo que afirma que ela se encontra na fronteira entre as duas áreas. Por essa razão, limita-se aqui a apresentar os diferentes posicionamentos, oferecendo ao leitor um direcionamento, caso este queira se aprofundar no assunto.

A palavra crônica, etimologicamente, vem de *Chronos*, deus do tempo da mitologia grega, o que originou sua definição na Literatura: uma narrativa cronológica e objetiva de um fato histórico. Mas a definição desse gênero sofreu várias modificações ao longo do tempo. Segundo Soares (1999), em sua origem, a crônica não tinha nenhuma participação interpretativa do cronista. No século XII, as narrativas traziam extraordinárias aventuras de reis europeus. Sendo um relato dos acontecimentos em ordem cronológica, Coutinho (1987) afirma que o formato se aproxima das atas de eventos e explica que em todos os países

européus, com exceção de Portugal, a crônica permanece com o sentido tradicional, ou seja, como um gênero histórico.

Com a evolução do gênero, essas narrativas históricas passaram a ser denominadas “cronicões”. Já a crônica permaneceu sofrendo modificações, até a virada do século XX, quando recebeu a caracterização literária que a aproxima do conto e do poema, impondo-se, porém, de uma forma especial, porque não se permite classificar como eles (SOARES, 1999). Segundo Abrão (2005), foi nesse período que os termos “crônica” e “cronista” passam a ser usados para referir-se a um gênero literário específico, diretamente ligado ao Jornalismo no Brasil e em Portugal, se consolidando a partir da inserção dos folhetins nos jornais brasileiros. Abrão (2005) afirma ainda que tal gênero passou a indicar um relato ou comentário dos fatos do dia-a-dia, publicado em uma pequena seção dos jornais.

Segundo Marques de Melo (2003, p. 139), “a crônica é um gênero jornalístico contemporâneo, cujas raízes se localizam na história e na literatura, constituindo suas primeiras expressões escritas”. Explica também que a crônica passou da História e da Literatura para o Jornalismo quando o gênero começou a ser publicado pelos escritores nas colunas da imprensa diária e periódica relatando acontecimentos pessoais.

Outro apontamento sobre essa relação direta: muitas vezes a notícia serve de pano de fundo para a tessitura de uma crônica, mas não são apenas os fatos grandiosos que interessam ao narrador do cotidiano. Isso de fato se observa, pois, muito dificilmente a crônica trará uma informação inédita. Seu papel no jornal é opinar e os colunistas

colaboradores geralmente o fazem em cima de acontecimentos recentes muitas vezes publicados em edições anteriores do próprio jornal.

Jorge de Sá (1985) e Marques de Melo (2003) defendem a crônica como gênero jornalístico pelo fato de nascer primeiramente no jornal. Ao retratar esse gênero, Sá aborda o caráter efêmero adotado pela crônica ao acompanhar o veículo de consumo diário.

A crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte, ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite. Sua elaboração também se prende a essa urgência: o cronista dispõe de pouco tempo para datilografar seu texto, criando-o, muitas vezes, na sala esfumada de uma redação (SÁ, 1985, p. 10).

Chiquim (2013) aborda essa produção de forma apressada relatando que os cronistas são obrigados a realizar uma “literatura sob pressão” (p 33). Ela reforça que o cronista tem a tarefa e obrigação diária de opinar sobre alguma coisa, mesmo se lhe faltar inspiração para isso.

Nesse ofício de opinar sobre tudo e sobre todos, o cronista passa a ser um observador escondido na redação do jornal, um escravo do teclado e do tempo. O escritor mostra que o trabalho intelectual dos escritores, que exige alto grau de concentração, possui um efeito colateral: eles passam muito tempo se dedicando a “criar” e têm poucos momentos para fruir a vida (CHIQUIM, 2013, p. 33).

Marques de Melo (2003) traz uma definição de gêneros jornalísticos como “formas do jornalista se expressar”, segundo o autor, na bibliografia sobre a crônica brasileira

encontramos quatro tentativas de classificação: Luiz Beltrão usa um critério jornalístico; Afrânio Coutinho toma como base a tipologia literária; Massaud Moises procura uma correspondência com os gêneros literários; Antônio Cândido orienta-se pela estrutura da narrativa.

Porém, por mais que haja diversas classificações, nem sempre as crônicas se enquadram em um único grupo, uma vez que pode haver assuntos ou aspectos mesclados que dificultam essa divisão.

1.1 O CRONISTA

Carlos Heitor Cony é escritor e jornalista carioca, nascido em 14 de março de 1926. Ingressou no Seminário de São José, no Rio Comprido, em 1938 onde estudou latim, história, português, grego, francês, italiano, apologética, geografia, música e matemática. Em 1943, Cony termina o curso de humanidades e ingressa no curso de filosofia do Seminário Maior, onde estudou lógica maior e menor, ontologia, crítica, psicologia, cosmologia e ética. Saiu do Seminário no ano de 1945, pouco antes de receber a tonsura que o levaria ao curso de Teologia. Suas experiências no seminário se fazem presentes em várias de sua obra.

Após deixar o seminário, Cony ingressou na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1946, porém não chegou a se graduar. Deixou a faculdade quando surgiu a oportunidade de colaborar com seu pai no *Jornal do Brasil*. No ano seguinte, adquiriu sua primeira carteira de jornalista

como redator da *Gazeta de Notícias*, cobrindo a reabertura da Câmara do Distrito Federal, onde conheceu os vereadores eleitos para aquela primeira legislatura.

Em 1952, se registrou no Ministério do Trabalho como redator da rádio Jornal do Brasil, tendo como colega Reynaldo Jardim. Em 1955, escreve seu primeiro romance premiado de nome *O Ventre*. Tanto *O Ventre*, quanto seu segundo romance, *A Verdade de Cada Dia*, foram considerados os melhores romances do Prêmio Manuel Antônio de Almeida, nos anos de 1956 e 1957, respectivamente. Porém, ao primeiro foi negado o prêmio, devido ao “caráter negativista e à linguagem rude de seu trabalho”.

Em 1961, ingressou no Correio da Manhã. No ano seguinte, começou a escrever crônicas no segundo caderno, sob o título *Da Arte de Falar Mal*. Escreveu crônicas para a *Folha de S. Paulo* em 1963 e 1965, retornando em março de 1993. Sofreu forte perseguição política durante a ditadura militar, o que até hoje reflete em suas crônicas.

Alguns autores analisaram a obra de Carlos Heitor Cony e descreveram o estilo de escrita e modo de pensar do autor. Massaud Moisés (1967), por exemplo, afirma que não existem duas crônicas ou cronistas idênticos, pois “a crônica reflete a variação emocional do cronista” e classifica Cony como um cronista grave:

Carlos Heitor Cony (o Ato e o Fato, 1964; *Da Arte de Falar Mal*, 1964), exemplifica, na gravidade tragicamente crispada de sua cosmovisão, o cronista que se derrama nos textos como se purgasse uma tristeza de raiz presente ainda quando o *tônus* se inclina para o irônico ou o poético (MOISÉS, 1967, p. 111).

Jorge de Sá analisou as crônicas de Cony presentes no livro *Quinze Anos* (a juventude como ela é) destacando nela seu caráter lírico e concluindo que:

Seja na primeira ou terceira pessoa, fale de suas filhas ou de personagens ficcionais, Carlos Heitor Cony aproveita a leveza da crônica para buscar a leveza do espírito, na imagem do amor eternamente retornando ao homem e lhe devolvendo o sentido pleno da humanidade (SÁ, 1985, p. 64).

A respeito de suas crônicas jornalísticas, o caráter político se destaca, tendo sido considerado por Silva Júnior (2010) o cronista responsável por “entregar” a crônica o árduo ofício da “resistência” política.

Carlos Heitor Cony, portanto, revela, em sua primeira crônica a respeito do anuviado regime que então se instala no país, a partir do Rio de Janeiro, um estado de espírito prioritariamente crítico e cético, além de vasta capacidade técnica – que o diga o uso integrado de recursos jornalísticos e literários – para, da linguagem amoral às corajosas pautas de discussão, interpretar as nuances políticas, econômicas e sociais daquele intrincado país do pós-golpe (SILVA JÚNIOR, 2010, p. 9).

2. MÉTODOS E TÉCNICAS

Neste artigo, buscou-se fazer um estudo das crônicas de Carlos Heitor Cony publicadas na *Folha de S. Paulo*, jornal para o qual o cronista escreve semanalmente na seção de *Opinião* às terças e aos domingos, a fim de analisar a posição do autor diante da crise política brasileira que precede o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

O *corpus* é composto por cinco crônicas publicadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2016 sob o critério de abordarem explicitamente a crise política. Sendo assim, foram selecionadas as crônicas: *Passado e futuro* (05/01/2016), *Deserto de nomes* (14/01/2016), *Realmente, nunca houve* (17/01/2016), *Uma noite no Mar Cáspio* (26/01/2016) e *Crise ridícula* (02/02/2016).

Utilizou-se o modelo de Análise Semântica do Discurso proposto por Teun A. van Dijk. Essa teoria permite efetuar a análise, descrição ou interpretação semântica do discurso. Segundo o autor,

Esse tipo de análise semântica é altamente abstrato, restrito e geral. Ele abstrai a partir do processo cognitivo concreto, não explica o conhecimento, as crenças ou outros sistemas cognitivos envolvidos e desconsidera a informação pessoal e subjetiva (recordações, objetivos, interesses, tarefas); estuda o significado e a referência separadamente da pragmática dos atos de fala, do esquema superestrutural, da efetividade retórica e, conseqüentemente, de todo contexto sociocultural (VAN DIJK, 1996, p. 71).

Sendo assim, van Dijk (1997) propõe que seja feita a análise seguindo três etapas: (1) Dados de entrada, que apresentam as estruturas superficiais do texto, sinais paratextuais, informações cognitivas e contextuais; (2) Interpretação, que analisa a coerência local (distribuição da informação e ordem sequencial e coerência) e a coerência global das macroproposições; e (3) a Interpretação pragmática/social, momento no qual se discute a atribuição dos atos de fala, trocas de estratégias e outras funções sociais.

3. ANÁLISE DAS CRÔNICAS

Foram analisadas cinco crônicas de Carlos Heitor Cony, conforme o tópico anterior. Em se tratando de uma metodologia que se preocupa com a semântica textual, faz-se necessária a análise de cada texto separadamente para, enfim, compará-los. Assim é possível traçar a opinião completa do autor sobre o acontecimento relatado nas diferentes crônicas. Por esta razão, seguimos analisando as crônicas a seguir.

3.1 PASSADO E FUTURO

Como propõe a teoria, primeiramente trate-se dos “dados de entrada”, momento em que se realiza a apresentação superficial do discurso. Sendo assim, essa é a primeira crônica selecionada para o *corpus*, escrita por Carlos Heitor Cony e publicada em 5 de janeiro de 2016, na página A2 do jornal *Folha de S. Paulo*. Para conhecimento geral, essa é a seção de opinião do jornal, destinada a editoriais, cartas do leitor, crônicas e artigos de opinião. Isso significa que se espera um posicionamento explícito do autor diante da notícia.

O texto não apresenta sinais paratextuais como ilustrações ou infográficos, pois o gênero não pede esse complemento. O texto em si é capaz de ambientar o leitor. Desta forma, realizando uma leitura superficial, Cony defende que “é mais fácil prever o futuro do que entender o passado”, pois ele não pode ser entendido somente como uma questão histórica ou ontológica, podendo ser explicado por ângulos distintos. Já o futuro nos

apresenta somente possibilidades incertas, assim como crenças do senso comum, como a morte e a impossibilidade de se acabar com corrupção no Brasil.

Seguindo os passos para a interpretação, primeiramente analisa-se a coerência local. Apesar de o jornal ser a *Folha de S. Paulo*, todas as crônicas analisadas, inclusive essa, apresentam a origem Rio de Janeiro, provável residência do autor. O texto tem uma estrutura de comentário, sendo assim as sentenças não possuem uma coerência cronológica, mas sim numa relação de complemento, argumento e explicação. No primeiro parágrafo, a primeira frase traz uma assertiva “é mais fácil prever o futuro do que entender o passado”.

As duas sentenças subsequentes se ligam a primeira buscando enfatizá-la e explicá-la, por intermédio do advérbio “evidentemente” e da locução “em detalhes”, que iniciam respectivamente os dois períodos seguintes. Em seguida, tem-se uma sentença de contradição, que, apesar de não ser iniciada com uma conjunção adversativa, é aberta pela interjeição “o diabo é que...”. Essa sentença vem para fazer um contraponto com a ideia apresentada anteriormente de que “o futuro a Deus pertence”.

No segundo parágrafo, a coerência local se estabelece pela causalidade implícita entre as sentenças. Não há elementos coesivos, porém, pode-se relacionar as orações pelo problema proposto na primeira, que consiste na impossibilidade de se entender o passado histórica ou ontologicamente, que é solucionado na segunda, quando o autor afirma que a explicação se dá por diferentes ângulos, ou seja, diferentes pontos de vista. O mesmo ocorre nos demais parágrafos. Apesar de não se observar elementos coesivos, é possível

estabelecer uma coerência implícita pela sequência comunicativa e sentido da distribuição de informação.

No nível de coerência global, deve-se considerar a macroestrutura da mídia no processo de produção, que por trás do cronista, também está na equipe editorial da *Folha de S. Paulo*, a qual compartilha daquele discurso, caso contrário, a crônica não seria veiculada. Além disso, pode-se estabelecer uma relação com a situação social de comunicação quando o autor destaca alguns fatos da atualidade dando sobre eles sua opinião implícita a respeito da corrupção, facilmente percebida devido às estratégias de ironia que Cony faz uso no trecho “a **possibilidade** de Eduardo Cunha **não** ter dinheiro na Suíça” (Grifo nosso), demonstrando que ele acredita que há chances maiores do presidente da Câmara possui conta na Suíça.

As generalizações, porém, apresentam a opinião explícita quando o cronista afirma que “o Brasil não tomará jeito” e “as propinas serão cada vez maiores e as cadeias ficarão cheias de dirigentes petistas”. Nesses trechos, é possível perceber que o autor se posiciona de forma contrária a corrupção, porém, ele foca sua crítica principalmente em Eduardo Cunha e dirigentes petistas, o que passa uma ideia de oposição a esse partido especificamente.

3.2 DESERTO DE NOMES

A segunda crônica foi publicada em 14 de janeiro de 2016 na mesma página da anterior, pois este espaço é reservado a Carlos Heitor Cony desde março de 1993. Também

não apresenta sinais paratextuais. Em meio aos escândalos de corrupção que envolveram vários políticos denunciados principalmente pela Operação Lava-jato, Cony escreveu essa crônica especulando quem seriam os possíveis candidatos para as próximas eleições. Ele defende que existe uma ausência de nomes que não estejam envolvidos com crimes de corrupção e, após fazer um comentário sobre três possíveis personalidades (Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma), afirma que espera que apareça um “salvador que nada deva a justiça”.

Analisando a coerência local da microestrutura textual, pode-se dizer que Cony já inicia seu texto com uma sentença de ironia ao afirmar “sou um ignorante, entre outras coisas, da política e economia”. Essa ironia só pode ser percebida conhecendo o histórico do autor que escreve crônicas sobre esses assuntos desde a década de 1960. Mas, percebe-se que essa ironia foi utilizada para introduzir a segunda sentença, também irônica, na qual o autor afirma que a crise é tão “escancarada que até um *Aedes aegypti* perceberia”. Ainda no primeiro parágrafo, o autor traz uma terceira sentença relacionada às primeiras por meio do elemento coesivo “além de” demonstrando uma adição, no caso, os arranjos preliminares das próximas eleições.

Nos parágrafos seguintes o autor trabalha cada um dos candidatos que ele imagina que seriam possibilidades. Descarta, porém, FHC que, apesar de julgar a melhor opção, o próprio político já teria declarado que não será candidato devido a sua idade. Descarta também Dilma, pois está já ocupa o cargo pelo segundo mandato consecutivo, sendo anticonstitucional que ela se candidate nas próximas eleições, já Lula estaria muito

envolvido com os escândalos, o que Cony considera que não seja uma boa opção. Nesses parágrafos, assim como na crônica Passado e Futuro, a coerência se estabelece pelo sentido da distribuição de informação nas sentenças, sem necessariamente apresentar conectivos. Somente a conjunção “pois” aparece uma vez enquanto é feita uma relação de causalidade no trecho “De Dilma nem se pode levar em conta, pois já está no segundo mandato”.

Sobre a coerência global, podemos dizer que a crônica reflete uma insatisfação tanto do autor quanto de todos os eleitores diante da ausência de nomes para as próximas eleições para presidente. Também está explícita a opção partidária do autor, quando ele afirma que “Fernando Henrique Cardoso mereceu oito anos de críticas que lhe fiz, mas nos oito anos em que governou, entre acertos e desacertos, seria um nome a se pensar”. Neste excerto, é possível perceber que o autor não concorda com algumas atitudes do ex-presidente, mesmo assim, a crítica a ele é mais branda se comparada aos dois representantes petistas, quando afirma que Lula está no “saco de gatos da corrupção” e Dilma é “a principal responsável pelo caos que estamos atravessando”.

3.3 REALMENTE NUNCA HOUE

Essa crônica foi publicada em 17 de janeiro de 2016 no mesmo local das anteriores. Não apresenta imagens ou elementos não verbais. O texto discute as atitudes tomadas pelo governo do PT desde a época do Lula, citando uma fala do próprio ex-presidente que afirma nunca ter ocorrido tamanha corrupção como é noticiado atualmente.

No nível de coerência local, encontra-se uma sequência originada pela relação de causalidade com estratégia de generalização da segunda sentença sobre a primeira sentença: “Somente um imbecil poderia afirmar que a esquerda chegou ao poder” porque “o governo do PT [...] adotou um desenho eminentemente conservador”. As duas sentenças a seguir buscam fazer uma correção, afirmando que essa regra não se aplica a todos os políticos do partido. No parágrafo seguinte, o autor já inicia com o modalizador “é evidente que”, o que passa a noção de credibilidade, já que leva o leitor a acreditar que está é uma verdade já difundida. Do quarto ao último parágrafo o autor faz uso da narrativa cronológica, retomando a ideia da sentença anterior a partir de expressões como: “mais tarde”, “em nome da causa” e “esta turma”.

A respeito da coerência global, novamente é possível ver a presença do senso comum na opinião do autor quando ele critica o governo do PT. Esse senso comum acaba se tornando uma verdade legitimada pelo modalizador “é evidente”, já dito anteriormente. Porém, nessa crônica já se observa uma rejeição àqueles (não nomeados) políticos que se dizem de esquerda, mas assumem posturas conservadoras ou cedem à corrupção. A crítica aqui também abrange os políticos progressistas que Cony intitula “de coquetel”, que não estão preocupados com o desenvolvimento nacional.

3.4 UMA NOITE NO MAR CÁSPIO

A quarta crônica foi publicada em 26 de janeiro de 2016 no mesmo local das anteriores e, assim como as demais, não apresenta ilustrações. Essa crônica é a mais

narrativa de todas analisadas neste artigo. Busca relatar o encontro entre o autor e uma francesa, estudante de literatura, que desejava um título que representasse o Brasil. Cony oferece três opções, entre as quais a estudante acata a terceira, que dá título a esta crônica.

Em se tratando de uma narrativa, a sequência entre as sentenças se estabelece pelo sentido da distribuição da informação. Na maioria dos casos, a coerência local se dá pela ação e reação entre a estudante e o cronista, como um diálogo entre os dois. Apenas na passagem do segundo para o terceiro parágrafo é possível observar a conjunção “no entanto” como um elemento coesivo de contradição de ideias.

Como elementos da coerência global, destacam-se as estratégias utilizadas para descrever o Brasil e sua situação política. Primeiramente, o autor utiliza “garruchas e punhais” tendo como inspiração disputas entre os meninos de sua infância. Aqui é possível observar uma crítica a respeito das manifestações contra e a favor do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, as quais ele não se vê representado em nenhum dos lados e considera ambos idiotas. O segundo título foi “Mosteiro de tijolos de feltro”, ao qual o Cony não dá explicações, mas imagina-se que remeta à estrutura frágil do governo. A última opção é justamente “Uma noite no Mar Cáspio”, um título poético que, teoricamente, agradaria a todos. Porém, esse título traz informações nas entrelinhas, pois para quem conhece o Mar Cáspio, sabe que esse na verdade é um lago, cuja água possui certo teor de sal, mas não suficiente para classificá-lo como um mar, ou seja, é algo difícil de definir, assim como a situação política no Brasil.

3.5 CRISE RIDÍCULA

A quinta e última crônica foi publicada em 2 de fevereiro de 2016 no mesmo local. Essa é uma crônica-comentário, na qual Cony expressa o auge de sua indignação diante do tema retratado, que pode ser percebida logo no título quando o autor qualifica como ridícula a crise do governo. Porém, esse sentimento não se restringe ao governo, mas também se aplica a todos os setores da sociedade, como a economia, a saúde, a segurança e a educação.

A coerência local se estrutura por meio de comparações entre as diversas crises vividas pelo Brasil. O texto se inicia com uma afirmação: “Poucas vezes tivemos crise como a que atravessamos”. Essa afirmação é comparada primeiramente com o suicídio de Getúlio em 1954, em seguida, com o golpe militar em 1964, agravado em 1968. No quarto período, o autor retoma a primeira oração do texto pela repetição do termo “crise”, já utilizado anteriormente, observe: “A atual é uma *crise* que seria apenas ridícula se não trouxesse males que a nação está sofrendo desde que se inaugurou o governo do PT” (grifo nosso). A partir desse momento, o autor traz todas as consequências que acredita serem culpa da crise política: a perda da dignidade da nação brasileira no cenário internacional, a violência, o desemprego e a situação precária da saúde pública. Essas mesmas consequências implicam na coerência global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta análise, conclui-se que a crônica tem tanto a função de opinar quanto de formar a opinião pública a respeito de certo assunto. Porém, como essa opinião do autor se apresenta de forma muito mais explícita do que nas notícias e demais gêneros do jornalismo informativo, pode ter um público restrito aos simpatizantes da ideologia do autor. Por exemplo, dificilmente as crônicas de Carlos Heitor Cony seriam bem recebidas por leitores adeptos do PT, já que o cronista critica frequentemente o partido e seus simpatizantes.

As crônicas podem ser formadas tanto por comentários, como por narrativa, ou mesclar ambas as técnicas. Apesar da metodologia de interpretação semântica de van Dijk (1997) não oferecer base para uma interpretação das intenções do autor, é possível tirar conclusões do contexto geral do acontecimento a partir dos textos analisados. Ao comparar as opiniões expressas, pode-se traçar o perfil de Carlos Heitor Cony como um cronista que se interessa por assuntos de política e se preocupa em apontar os erros cometidos pelos representantes de todos os partidos políticos.

Sua aversão não é com os partidos de esquerda, mas com aqueles que vão contra os ideais originais do partido quando assumem o governo. A crítica contra o PT se deve ao fato dos constantes envolvimento com escândalos de corrupção. Mesmo assim, ele afirma preferir não se posicionar contra, nem a favor do governo, se limitando a apontar os seus defeitos. Talvez se deva a idade avançada e ao histórico de atritos, prisões e exílio que Cony sofreu ao longo do período de ditadura, levando-o a optar por não se envolver mais em militâncias.

Sobre a coerência local, as crônicas não apresentam muitos conectivos entre as sentenças, ficando a interpretação a cargo da distribuição da informação que se estabelece por meio de retomadas por causalidade ou oposição.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Fernanda Cristina. *Carlos Drummond de Andrade: o cronista dos anos 30*. Dissertação de mestrado defendida na UFJF. Juiz de Fora, 2005.

CHIQUIM, Giovana. *A impressão do cotidiano: Um estudo das ambiguidades da crônica e a transgressão de seu caráter efêmero*. Revista Estação Literária Londrina, Volume 11, p. 27-40, jul. 2013.

CONY, Carlos Heitor. *Biografia*. Disponível em <<http://www.carlosheitorcony.com.br/Biografia.aspx?imgFile=>>>. Acesso em 7 set 2014

CONY, Carlos Heitor. Crise Ridícula. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p. 2. 02 fev. 2016. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/02/02/2/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

CONY, Carlos Heitor. Deserto de nomes. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p. 2. 14 jan. 2016. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/01/14/2/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

CONY, Carlos Heitor. Passado e futuro. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p. 2. 05 jan. 2016. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/01/05/2/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

CONY, Carlos Heitor. Realmente nunca houve. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p. 2. 17 jan. 2016. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/01/17/2/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

CONY, Carlos Heitor. Uma noite no Mar Cáspio. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, p.2. 26 jan. 2016. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/01/26/2/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFCE -- PROED, 1987.

MELO, Joaquim Marques. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª. ed. – revista e ampliada. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003. In: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (Orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. (Coleção ensaios transversais).

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.

SILVA JÚNIOR, Maurício Guilherme. *Visões da cidade sitiada: a crônica de Carlos Heitor Cony e a resistência ao golpe militar de 1964*. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (Universidade Federal do Maranhão, São Luís), novembro de 2010.

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

VAN DIJK, T. A. Análise semântica do discurso. In: *Cognição, discurso e interação*. 1996, p. 36-73.

Recebido em 5 de setembro de 2017.

Aceite em 11 de outubro de 2017.

Como citar este artigo:

SILVA, Ana Paula Lopes da. Análise do discurso das crônicas de Carlos Heitor Cony sobre a crise política de 2016. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, n. 25, jul.-dez. 2017, pp. 226-245. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num25/dossie/palimpsesto25dossie02.pdf>>. Acesso em: **dd mmm. aaaa**. ISSN: 1809-3507